



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**UNIDADE DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA UEAD/UFPB**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO - CCAE**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA INGLESA À**  
**DISTÂNCIA**



**“Eveline”, de James Joyce, e os impasses para uma  
emancipação feminina.**

**Joelma Pereira da Silva**

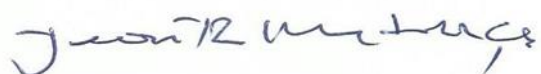
**Mamanguape – PB**

**2020**

**JOELMA PEREIRA DA SILVA**

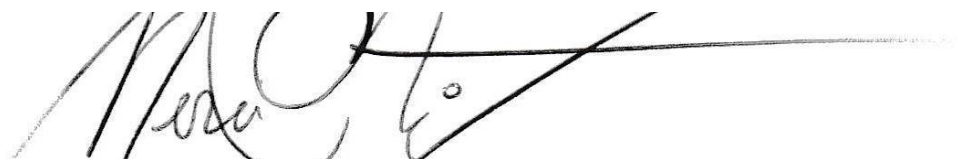
**“Eveline”, de James Joyce, e os impasses para uma emancipação  
feminina.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras - Inglês da Universidade Federal da Paraíba, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciado em Letras - Inglês, defendido e aprovado pela banca examinadora constituída pelos professores:



---

Prof. Dr. Jeová Rocha de Mendonça (orientador) – UFPB



---

Profa. Dra. Maria Mercedes Ribeiro Pessoa Cavalcanti (Examinadora) – UFPB



---

Profa. Dra. Maria do Rosário Silva Leite (Examinadora) – UFPB



Universidade Federal da Paraíba  
Unidade de Educação a Distância UEd/UFPB  
Centro de Ciências Aplicadas e Educação - CCAE  
Curso de Licenciatura em Letras – Língua Inglesa à distância



## “Eveline”, de James Joyce, e os impasses para uma emancipação feminina.

**Joelma Pereira da Silva**

Prof. Dr. Jeová Rocha Mendonça (orientador)  
Profa. Dra. Maria Mercedes Ribeiro P. Cavalcanti (Examinadora)  
Profa. Dra. Maria do Rosário Silva Leite (Examinadora)

### Resumo

O conto “Eveline” retrata as dificuldades encaradas pelas mulheres de hoje e de ontem para se emanciparem do domínio masculino e da obrigação de papéis clássicos de gênero estabelecidos a elas. Este artigo pesquisa, deste modo, as dificuldades que a jovem personagem se deparou ao tentar abandonar sua função de filha, irmã e funcionária dedicada para emancipar-se como mulher.

**Palavras-chave:** Emancipação feminina; “Eveline”; Movimentos feministas.

### Abstract

The short story “Eveline” portrays the difficulties faced by women today, as well as those from other times before, to set themselves free from male dominance and the obligation of classic gender roles established for them. This article investigates, in this way, the difficulties that the young character faced when trying to abandon her role as daughter, sister and dedicated employee to emancipate herself as a woman.

**Key words:** Female emancipation; ‘Eveline’; Feminist movements.

## I. Introdução

Ao longo dos séculos as ações de homens e mulheres modificaram a coletividade, a arte, os relacionamentos e também o papel da mulher; modificaram a figura como a mulher é vista e se observa no mundo público e no convívio do lar. O papel da mulher ainda está carregado de muitos preconceitos que tentam definir o que é ser mulher e como ela deve agir, rejeitando assim outras formas de comportamento que impedem a mulher de conquistar sua total emancipação.

Para compreendermos essas barreiras para a emancipação é preciso regressar no tempo, pesquisar suas origens e sua realização na vida das mulheres, quer sejam europeias quer não, dos séculos XIX e XX, para, então, averiguar como elas vivenciavam esses impedimentos e como muitos deles estão perdurados até hoje.

Para este fim, dentre outros representantes da literatura inglesa moderna escolhemos James Joyce com o conto “Eveline”, do seu livro de contos *Dublinenses*, publicado em 1914. Serão ponto de apoio de nossa análise contribuições dos seguintes autores Mikhail Bakhtin (1992), Raffaella Baccolini (2009) e Anthony Giddens (2002) entre outros, os quais destacaram alguns dos momentos marcantes para a trajetória das lutas pela emancipação da mulher, também problematizando e criticando.

Um dos objetivos deste trabalho é analisar as dificuldades pelas as quais a personagem feminina Eveline passa, (mas de certa forma da mulher real, fora do mundo literário também), investigando quais foram seus conflitos no conto homônimo de Joyce. Aqui o escritor dedicou-se a explorar os impedimentos para a liberdade feminina e os anseios que as mulheres de sua época teriam para almejar uma nova vida. Como diversas mulheres da sua época, e que ainda existem nos dias atuais, muitas delas procuram mudar suas vidas mardacadas pela opressão, mas se deixam intimidar com as prováveis e incertas consequências das mudanças, e assim paralisam diante do medo.

Justificamos que escolhemos esse conto porque há uma afinidade entre a personagem Eveline da narrativa e muitas mulheres ainda hoje. Neste sentido, momento e ambiente do início do século XX alicerçam a discursão sobre a ligação entre a criação fictícia e emancipação feminina percebida nos dias

atuais, quando, por exemplo, testemunhamos ambientes de opressão tais que culminam até em feminicídio.

A partir destas considerações, apresentaremos em um primeiro momento uma breve biografia do escritor, juntamente com o resumo do conto. Em seguida, destacaremos que a personagem “Eveline” enfrentou impedimentos sociais, familiares psicológicos, sentimentais para tentar concretizar seu desejo de emancipação feminina, como as mulheres do início do século XX que o escritor, James Joyce, com certeza, avaliava ou conhecia. Analisaremos as contribuições das historiadoras Gerda Lerner (1979), Marilza Mestre (1992) e Monica Karawejczyk (1999). Com o ambiente e a narração em “Eveline”, faremos as apropriadas citações nos momentos da análise e das Considerações Finais para destacar e ilustrar o percurso histórico da dura emancipação das mulheres frente a uma sociedade patriarcal.

## **II. James Joyce e sua literatura**

James Augustine Aloysius Joyce nasceu em Terenure, Dublin, em 02 de fevereiro de 1882, filho de John Stanislaus Joyce, um cavalheiro empobrecido. A mãe de Joyce, Mary Jane Murray, era uma pianista talentosa, cuja vida era dominada pelas orientações da Igreja Católica Romana. Apesar de sua pobreza, a família lutava para manter uma sólida fachada de classe média.

Joyce morreu em 1941 e viveu praticamente fora de seu país, como se fora um refugiado<sup>1</sup>. É amplamente considerado um dos escritores de maior relevância do século XX, destacando-se por seu uso experimental da linguagem literária. As inovações técnicas de Joyce na arte, principalmente do romance, incluem um uso extensivo do monólogo interior e uma linguagem única de palavras, trocadilhos e alusões.

Embora Joyce tenha vivido fora de sua cidade natal pela maior parte da vida adulta, sua identidade irlandesa foi essencial para sua obra e forneceu-lhe toda a ambientação e muito da temática de sua obra. Seu universo ficcional

---

<sup>1</sup> Em “Eveline”, como veremos, muitos se refugiam em outros países, sendo este também um dos objetivos de Eveline, cujos motivos discutiremos neste artigo.

enraíza-se fortemente em Dublin e reflete sua vida familiar, os tempos de escola e faculdade. Desta forma, ele é ao mesmo tempo um dos mais cosmopolitas e um dos mais particularistas dos autores modernistas de língua inglesa.

Em 1898, ele ingressou na universidade em Dublin. Após a formatura, em 1902, Joyce, de 20 anos, foi para Paris, onde trabalhou como jornalista, professor e em outras ocupações sob difíceis condições financeiras. Ele passou um ano na França, retornando apenas quando chegou um telegrama dizendo que sua mãe estava morrendo.

A obra de Joyce foi submetida a várias pesquisas por diversos estudiosos. Entre as pesquisas realizadas, queremos destacar aqui aquelas relativas a “Eveline”, conto este incluído na antologia “Dublinenses” (*Dubliners*, em inglês), e que é objeto de leitura neste nosso artigo. Para nos situarmos melhor, vejamos a seguir um breve resumo dessa narrativa.

### **III. O enredo no conto “Eveline”: um resumo.**

No conto “Eveline”, acompanhamos a apatia da protagonista, uma jovem de 19 anos, que pondera o próprio futuro enquanto observa o lado de fora da janela da sua casa, o que mudou na vizinhança e na sua vida durante o passar dos anos. Durante sua observação, ela se recorda, por exemplo, de um terreno à frente de sua casa onde agora existe uma casa. Neste local, que bem antes era um terreno aberto e amplo, ela costumava brincar com seus irmãos e as crianças daquela rua.

Essa mudança que ocorreu no cotidiano das vidas e daquela rua a faz pensar muito, e questionar o momento que ela está para viver nas próximas horas: ela pretende fugir com o namorado, um marinheiro de nome Frank, que propôs a ela viajar e viver na Argentina, especificamente na cidade de Buenos Aires. Para ela isso representa um grande desafio, porque ela faz parte de uma família regrada (principalmente concebida na figura de seu pai) que vive os costumes locais dos quais ninguém pode escapar. Neste sentido, o que ela pretende fazer com Frank parece ser uma experiência arriscada (talvez romântica), mas também uma fuga, pesando contra esta aventura o fato de que

sua mãe morrera já há algum tempo e ela prometera que cuidaria da casa, dos afazeres domésticos e de seus irmãos, praticamente a substituindo na tarefa de cuidar do lar. Os pontos que a fazem pensar em partir com o Frank são é, basicamente, o seu relacionamento com seu pai, uma figura que não demonstra muito carinho por ela (não como ele demonstra para os “filhos homens”) e também o seu dia a dia, ela trabalha fora e tudo que ganha no simples emprego que ela tem ela cobre as despesas de casa, e seu pai dificulta as coisas, pretendendo controlar até mesmo o salário dela.

Vemos assim que Eveline é uma mulher ao mesmo tempo reprimida e dependente de uma realidade, muitas vezes, abusiva. Ela vai trabalhar fora e voltando pra casa todos os dias ainda tem que cuidar da casa, que curiosamente sempre está empoeirada.

E quando ela reavalia sua vida sofrida, pautada pela sua relação de abuso emocional com o pai, diante do final infeliz da mãe, que morrera triste e enlouquecida, ela se questiona se não deveria fugir com Frank, mudar completamente de vida e seus valores e principalmente realizar seus sonhos de independência. Eveline parece enxergar a fuga com o namorado como uma fuga dos problemas familiares, das dificuldades de uma vida cinzento/empoeirada, tão sem cor quanto a cidade de Dublin.

O conto deixa muito claro a apatia da protagonista, onde o desejo de mudar de vida também esbarra no desejo de continuar onde se encontra. Isso fica bem claro diante da imagem da prostração dela ali na janela observando o seu passado, onde ela se vê diante do seu dilema e se questiona e logo em seguida já toma outra decisão, demonstrando ora coragem, ora a falta dela.

Ao final do enredo, vemos Eveline e seu namorado no cais do porto, o navio pronto para partir, o oceano imenso diante dos seus olhos, quando o medo da rotina é rapidamente dominado pelo medo do desconhecido. Quando Eveline se vê diante da escolha definitiva, todo aquele mundo que ela jamais conheceu e que podia ser muito bom ou muito ruim, toda uma vida que ela se lembra e pretende deixar para trás, percebe-se que o amor não é a questão, Frank era apenas uma opção, uma porta aberta para a liberdade. Eveline se dá conta que não está pronta para passar por ela.

Eveline se sente intensamente em conflito, e toma a dolorosa decisão de não partir com Frank.

#### **IV. Fundamentação Teórica: a crítica feminista.**

Diante da exposição da breve biografia de Joyce e, principalmente, do resumo do enredo do conto acima expostos, compreendemos que, diante do protagonismo de Eveline como uma mulher em situação de conflito e, dado que essa protagonista pode alcançar o status de representação de um gênero, ou seja, a condição da mulher em suas relações com uma sociedade que não lhe é favorável em seus anseios e direitos, concluímos que podemos lançar mão da crítica feminista para apoiar uma leitura deste conto. Passemos assim a uma revisão do movimento feminista neste artigo.

A emancipação feminina alcançada nos dias de hoje foi conquistada durante um longo processo histórico. Neste processo as mulheres enfrentaram dificuldades em muitos setores sociais como no campo no familiar, no trabalhista, no legislativo e no religioso. O espaço que lhe era reservado era apenas o domiciliar. E hoje a mulher pode usufruir de deveres, mas também de direitos que são fruto de muitas batalhas enfrentadas por suas antecessoras. Segundo a historiadora Mônica Karawejcsyk (apud TOURIANE,1999, p.5) em sua luta contra o patriarcado as mulheres: “[...] quiseram não somente abolir tentar ou atenuar as desigualdades que sofriam e conquistar o direito de decidir livremente sobre sua vida”, como também o de ocupar espaços modificando, assim o papel secundário que lhe era atribuído.

A partir da Revolução Industrial no final do século XVII, fez-se necessário que as mulheres pudessem deixar a exclusividade do trabalho no lar (o anjo do lar mencionado por Virgínia Woolf) para trabalhar nas fábricas. Mesmo recebendo bem menos que os homens e tendo que duplicar a carga horária de trabalho (já que continuavam como mães e donas de casa ao voltarem dessas fábricas), para as mulheres foi um passo significativo para tentar a igualdade de direitos entre homens e mulheres.

Embora pudessem demonstrar sua capacidade nas fábricas, alguns direitos demoraram a ser conquistados. As mulheres, na verdade algumas poucas de uma classe mais privilegiada, não poderiam continuar seus estudos, a educação de nível superior não era destinada a elas; apenas a educação básica. De fato, deveria conhecer o mínimo necessário apenas para educar seus

filhos dentro dos padrões sociais vigentes.

Apenas no início do século XX as ações feministas começaram a tomar forma e organização, e foi quando as mulheres se reuniram em pequenos grupos e saíram nas ruas em busca de uma representatividade no cenário político de sua sociedade. Elas entendiam que, se pudessem ter voz no legislativo de seu país, leis poderiam ser criadas e, se colocadas em práticas, uma nova vida poderia ser descortinada a elas. Com este raciocínio, o direito ao voto era mais um passo à emancipação feminina, de forma a garantir-lhes o direito de escolher pessoas que pudessem lutar contra a autoridade masculina na vida das mulheres.

Como comenta Karawejczyk,

(...) o direito da mulher de votar e escolher os seus representantes políticos foi (de formas diversas, mas sempre uma constante) encarado com desconfiança, pois isso poderia pôr em risco a família, desagregando-a. A mulher, ao obter o direito a participar mais ativamente da vida política do seu país, exigindo o direito de exercer o voto, estaria subvertendo a ordem natural universal dos sexos ao intrometer-se no mundo público masculino, desorganizando a vida doméstica e maculando a imagem do anjo do lar (2007, p.11).

Na literatura também, não apenas no que se refere às personagens femininas desafiadoras, mas no que diz respeito às escritoras frente ao mercado editorial, a mulher sofreu muitos desafios para alcançar seu lugar.

Em geral, e dentro deste contexto, vemos que a crítica literária feminista se desenvolveu na segunda metade do século XX, apontando duas modalidades de desenvolvimento, uma aponta ao resgate de obras escritas por mulheres e que, no decorrer do tempo foram relegadas ao ostracismo; a outra tem por meta fazer uma releitura de obras literárias, independentemente da autoria, procurando detectar a experiência da mulher através do estilo, da temática e das diferentes vozes do texto, a revelância da voz feminina e as descrições de patriarcalismo que transcorrem a obra. A crítica literária feminista pode ser analisada como um dado que subsidia a escrita de uma nova história da literatura sob o signo do gênero.

O autor Jonathan Culler (1997) em uma das suas obras discute experiências de leitura, onde mostra a diferença de atitude do leitor homem para a leitora mulher diante do mesmo texto, assinalando uma cena significativa para a fantasia masculina, que desperte a cumplicidade dos pares pode constituir,

para as mulheres, um retrato degradado da situação feminina.

#### Consideração do autor:

Nesse primeiro momento da crítica feminista, o conceito de uma mulher leitora leva a asserção de uma continuidade entre a experiência das mulheres nas estruturas sociais e familiares e suas experiências como leitoras. A crítica formulada sobre esse postulado de comunidade interessa-se notavelmente pelas situações e pela psicologia das personagens femininas investigando as atitudes em relação às mulheres ou investigando as “imagens de mulher” nas obras de um autor, um gênero ou um período (CULLER, 1997, p. 56).

O movimento feminista historicamente se apresenta em três períodos, conhecidos como ondas, mencionando a militância de mulheres nos campos literário, cultural e político.

No primeiro período que corresponde desde as últimas décadas do século XIX, de acordo com Bonnici (2007), foi quando se tornou mais significativa a luta pelos direitos humanos, até as primeiras do século XX, com o movimento das sufragistas que defendiam direitos ao voto feminino.

No segundo período podemos citar a autora Simone de Beauvoir que através de sua obra (1980) discute a questão da mulher de vários ângulos: da biologia, da psicanálise, do materialismo histórico, a fim de demonstrar como a realidade feminina se constitui como o outro e quais as implicações de posicionamento. Para a autora, o estatuto feminino é uma conquista, já que “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1980, p. 9).

No terceiro período apresenta-se uma pauta de reivindicações mais ampla que a do segundo período, que, segundo Bonnici (2007), engloba a teoria *queer*, a conscientização dos direitos das afrodescendentes, entre outros. Distingue-se como relevante a auto-estima sexual, porque a sexualidade é também uma modalidade de poder. Feministas antes marginalizadas, colaboram para constituir a identidade desse período que acreditam ser a contradição e a negociação das diferenças, uma das características mais expressivas do feminismo contemporâneo.

Dentre outras questões essas constituem o fundamento de uma crítica feminista que busca desconstruir os procedimentos ideológicos tradicionais, debatendo as representações masculinas e femininas. Esse tipo de leitura faculta uma abertura para as probabilidades de transformação na interpretação de textos culturais, entre eles, obviamente, a literatura de ficção.

A crítica literária feminista propõe possibilidade de uma nova leitura de

obras literárias, independente da autoria, considerando o ponto de vista feminino. Essas leituras podem cooperar de maneira expressiva, para a composição de uma inovação na história da literatura e diria na história das mulheres. E é nesse sentido que passaremos agora para uma apresentação de leitura do conto “Eveline”, a fim de entendermos alguns porquês no conflito vivenciado pela sua protagonista.

## **V. “Eveline” e os impasses para uma emancipação feminina.**

Como já antecipamos neste artigo, a narrativa em “Eveline” se inicia entre o cair da tarde e o início da noite, momento em que a personagem homônima reflete os prós e os contras de fugir com seu amante, Frank, para Buenos Aires.

Sentada à janela, Eveline contempla a rua que se encontra tomada pelas sombras da tarde. Imagens de sua infância chegam até ela e a personagem é envolvida por uma atmosfera de nostalgia.

Da rua, a sua visão captura a própria casa, que se mostra antiga e poeirenta. Neste momento, ela se questiona se é prudente a decisão de ir embora. Como para convencê-la a ir, vem à tona a relação com o seu pai:

Mesmo agora, embora tivesse mais de dezenove anos, às vezes se sentia em perigo da violência de seu pai. Ela sabia que isso tinha lhe dado às palpitações. Quando eles estavam crescendo, ele nunca a procurou como costumava procurar por Harry e Ernest, porque ela era uma garota, mas depois ele começou a ameaçá-la e dizer o que faria com ela apenas por causa de sua mãe morta (JOYCE, 2012, p. 34).

Depois de alguns minutos de contemplação e reflexão, que mostram a sua relação com Frank, a morte de sua mãe e do irmão Ernest, a personagem deixa a casa em direção ao cais, onde o namorado a espera. A história se fecha com o narrador mostrando toda a condição de fragilidade da personagem.

Inicialmente, apresentam-se três aspectos importantes no texto. A primeira é o fato de a personagem principal estar em busca de uma chance de começar uma nova vida. A segunda diz respeito à condição feminina desta personagem: uma jovem que convive com uma figura masculina opressora, seu pai. A última característica é o fato de que essa mulher apresenta-se como alguém paralisada pelo medo, já que não consegue ir até o fim no seu projeto existencial de emancipação.

Proveniente de uma família pobre, Eveline tem que trabalhar em casa e em uma loja. Para as despesas de casa, é necessário juntar o dinheiro que ela ganha, o que o seu irmão Harry manda e o que o seu pai costuma dar; e Eveline tem brigas toda semana devido ao fato de ele não querer contribuir com as despesas do lar, como se observa na passagem do conto a seguir:

Além disso, as disputas invariáveis por dinheiro nas noites de sábado começaram a cansá-la indescritivelmente. Ela sempre dava todo o salário - sete xelins - e Harry sempre dava o que podia, mas o problema era conseguir dinheiro do pai. Ele disse que ela costumava desperdiçar o dinheiro, que não tinha cabeça, que não lhe daria o dinheiro suado para jogar pelas ruas e muito mais, pois geralmente era bastante ruim no sábado à noite (JOYCE, 2012, p. 34).

Eveline vê em Frank, seu namorado, a possibilidade de uma vida de liberdade e alegrias. Ela se considera desprotegida, principalmente diante de um pai bêbado e violento, e Frank aparece como a sua proteção. Para ela, o casamento, mesmo que não oficial, pois pretende fugir com ele, é a maneira de conquistar a liberdade que procura. É importante notar que Eveline não apresenta Frank como o homem a quem ela de fato ama. O que ela sente por ele resume-se a um sentimento confuso. Ele, porém, parece amá-la de verdade, como vemos em:

As pessoas sabiam que estavam cortejando e, quando ele cantava sobre a moça que ama um marinheiro, ela sempre se sentia agradavelmente confusa. Ele costumava chamá-la de Poppens por diversão. Antes de tudo, tinha sido uma emoção para ela ter um companheiro e depois ela começou a gostar dele (JOYCE, 2012, p. 35).

No final do conto, quando ela decide não embarcar, Frank pode ver em seus olhos o verdadeiro sentimento dela em relação a ele, e neste momento, descobrimos que Eveline não se entregaria a Frank por amor, mas por ele lhe possibilitar a única chance de ela mudar de vida, e ele seria um meio para atingir esse fim.

O segundo momento de suas lembranças refere-se ao passado mais recente e mostra o quanto ela tem sido infeliz: é o seu trabalho duro na loja e em casa, o medo provocado pela violência do pai, suas relações familiares, entre outras coisas. Eveline evoca boas lembranças de sua infância porque é a única maneira de escapar de sua vida tediosa que não a satisfaz completamente. Estas boas recordações dão-lhe a falsa ideia de que há algo de bom em sua situação. Até o seu pai, que é a pessoa com quem ela mais tem atrito, é transformado em boas lembranças. Esta atitude de recordar fatos adversos é o

modo que a personagem encontra para pesar os dois lados de sua decisão. Velhas lembranças trazem o bom tempo de sua vida, tornando mais difícil deixá-la para trás; e as lembranças mais recentes mostram o quanto ela tem sido infeliz. Nesse ir e vir de lembranças, ela fica um pouco confusa entre os prós e os contras de sua atual condição. Vejamos a seguinte citação como exemplo disso:

A noite se aprofundou na avenida. O branco de duas cartas no colo ficou indistinto. Um era para Harry; o outro era para o pai. Ernest era o seu favorito, mas ela também gostava de Harry. Seu pai estava ficando velho ultimamente, ela notou; ele sentiria falta dela. Às vezes ele podia ser muito legal. Não muito tempo antes, quando ela ficou acamada por um dia, ele a leu uma história de fantasma e fez um brinde por ela ao pé da lareira. Outro dia, quando sua mãe estava viva, todos foram fazer um piquenique no morro de Howth. Lembrou-se do pai usando o chapéu da mãe para fazer as crianças rirem (JOYCE, 2012, p. 33).

E então um conflito interno toma conta da personagem: ir ou não ir embora com Frank? Tudo parece se resolver quando ela percebe, através da lembrança da morte da mãe, que a sua vida poderá ser tão miserável quanto foi a daquela. Num momento de epifania da personagem, ela entende que, para a sua felicidade, é necessário fugir. Mas este momento de epifania não é suficiente para fazê-la deixar sua cidade e sua casa. Sua necessidade de uma nova vida pesa menos do que certas circunstâncias que a envolvem. A ideia de deixar o seu lar, o seu país, faz Eveline temer o futuro ao lado de Frank. Este medo transforma a sua casa, antes velha e cheia de perigo, em um lugar acolhedor e seguro. Em casa, ela poderia encontrar tudo que uma mulher passiva precisa para sobreviver. Ela tem abrigo, comida e pessoas conhecidas. Essa ideia de um lar seguro é apenas uma criação de sua mente. Na verdade ela reconhece que não está salva onde vive. Mas o medo de deixar o seu país e o receio do que a espera em uma terra distante contribuem para a atitude de medo e fraqueza da personagem no final do conto, como comprova a seguinte citação:

Ela se levantou em um impulso repentino de terror. Fuga! Ela deve escapar! Frank a salvaria. Ele daria a vida dela, talvez amor também. Mas ela queria viver. Por que ela deveria estar infeliz? Ela tinha direito à felicidade. Frank a pegaria nos braços, a acalentaria nos braços. Ele a salvaria (JOYCE, 2012, p. 35).

Seu país, a Irlanda, e a Argentina são totalmente diferentes. O texto mostra, por extensão de sua casa, a Irlanda como um lugar frio, poeirento, cinzento, rotineiro e carregado. E Frank é descrito como um homem amável, humano, de coração aberto. A ideia de morar na Argentina soa como um exílio para ela. Mais uma vez, a insegurança da personagem diante do desconhecido

faz com que sua vida dura torne-se melhor do que aquela que surge na companhia de Frank. Diante de tal fato, Eveline chega a idealizar Frank como uma pessoa que poderia lhe fazer mal.

Dois outros motivos ainda podem ser apontados como influenciadores na decisão da personagem de não fugir. Primeiro o medo que ela tem do que as pessoas fariam dela depois que partisse. E, como último motivo, a promessa feita à mãe, quando esta estava morrendo. Mas Eveline só consegue perceber que tudo isso a prende na Irlanda, que tudo isso a engaiola em sua vida tediosa, quando chega ao cais. É ali que ela se dá conta de sua fragilidade e de sua passividade diante dos obstáculos da sua vida.

Diante do mar, das águas que a cercam, a personagem é tomada por outro momento de epifania: se fugisse com Frank, seria “afogada” no mar. É aí que reconhece o peso da tomada de alguma decisão. É aí que ela percebe as correntes que a impedem de se mover. Os anos de existência de Eveline pesam como chumbo. Apesar de toda a angústia que esta decisão possa lhe causar, Eveline volta atrás em seu plano de fuga. Para Eveline, a sua responsabilidade, a promessa feita à mãe e muito mais, acorrentam-na em sua vida de rotina poeirenta; esta mesma rotina de “poeira” da qual ela tem tanta dificuldade de se livrar, como sugere a seguinte passagem do início do conto: “Ela ficou sentada na janela, assistindo a noite invadir a avenida. A cabeça dela estava encostada nas cortinas da janela e nas narinas havia o cheiro de cretone empoeirado. Ela estava cansada” (JOYCE, 2012, p. 33).

Diante desta análise, podemos concluir, embora parcialmente nesta etapa de nosso artigo, que a personagem feminina é rodeada por uma cadeia de grilhões que a impedem de ter o seu projeto existencial realizado. Por mais que ela pense, que avalie sobre sua existência, estará fadada a um dilema pessoal, pois seus medos não permitem que ela avance em busca de uma vida de verdade. Como complemento desta análise, passemos agora para uma percepção mais aprofundada de Eveline e seus conflitos com GIDDENS (2002).

A apreciação do sociólogo Anthony Giddens (GIDDENS, 2002) sobre o conto “Eveline” de James Joyce, procura apontar a forma como se desenvolve a temática da agitação interna da protagonista. O conto centraliza a condição de indecisão de uma jovem prestes a abandonar a família para fugir com o namorado, rompendo uma relação de parasitismo da qual fora vítima desde a

morte da mãe. O sociólogo trata da complexa construção da “auto-identidade” do indivíduo, fazendo as constantes mudanças nos estados institucionais e sociais. “A “auto-identidade”, para Giddens, “não é algo simplesmente apresentado, mas algo que deve ser criado e sustentado rotineiramente nas atividades reflexivas do indivíduo” (GIDDENS, 2002, p. 54). Deste modo, todas as determinações cogitam diretamente não apenas no modo como o indivíduo reage, mas também no modo, ainda segundo Giddens “(...) como ele se percebe, se pensa, como se sente no mundo, e por isso a “auto-identidade” para o autor é um processo constante, um “projeto reflexivo”. Nesse percurso, sentimentos como “medo”, “ansiedade”, “vulnerabilidade”, “vergonha”, “culpa” afloram e repercutem nas ações e tomadas de decisão” (GIDDENS, 2002, p. 54); sobretudo porque “A modernidade confronta o indivíduo com uma complexa variedade de escolhas e ao mesmo tempo oferece pouca ajuda sobre as opções que devem ser selecionadas.” (GIDDENS, 2002, p. 79). Por outro lado, é diante de situações limites que o indivíduo testa a força dessas representações que tem de si mesmo. Eveline torna-se, ao fim, um ser paralisado frente à dinamicidade da vida moderna. A personagem em questão é construída em cima de sua própria hesitação.

O conto “Eveline” de James Joyce retrata bem as dificuldades enfrentadas pelas mulheres de hoje e ontem para se libertarem do domínio masculino e da imposição de papéis tradicionais de gênero impostos a elas. A partir da análise feita neste conto entende-se que há uma relação entre a literatura e alguns fatores que dificultavam a emancipação da mulher. Percebe-se ali que a mulher do século XX, representada pela protagonista do conto, reflete a realidade deste século, trazendo para a literatura moderna as dificuldades que a jovem personagem encontrou ao decidir abandonar seu papel de “mãe”, filha, irmã e funcionária dedicada para buscar uma nova vida, uma vida de não subjugação, uma vida que pudesse ser regida apenas pelas suas próprias escolhas, livre de qualquer código patriarcal.

É neste sentido que vemos Eveline como uma personagem feminina que passa por obstáculos no mundo fictício, quase como se fora uma mulher real. Ao ler o conto, certamente muitas mulheres se identificaram e ainda se identificam com os conflitos ali retratados.

Em “Eveline”, James Joyce dedicou-se a explorar os impedimentos para

a liberdade feminina e os motivos que as mulheres de sua época teriam para desejar uma nova vida. Como diversas mulheres da sua época que ainda existem nos dias atuais, elas buscam mudar de vida, mas se deixam intimidar com as prováveis e incertas consequências das mudanças, e se deparam com vários medos: têm medo de protestar contra sua auto imagem habitual sem a certeza de encontrar outra mais satisfatória por meio de sua inclusão no mundo do trabalho. Têm medo de não estarem mais em condições de satisfazerem seu papel de embasamento emotivo e efetivo da família sem a certeza de encontrar equilíbrio em suas atividades profissionais. Constrangimento, anseio, desejo de independência e de autonomia são sentimentos que, nas mulheres, muitas vezes são acompanhados pelo fantasma da culpa, um sentimento que se alimenta das provas de que se está errada, a melhor dessas provas é o fracasso. Ter sucesso, para as mulheres, é bem mais arriscado que fracassar, negociar o sucesso profissional. A personagem busca desprender-se do cenário doméstico para ganhar representatividade e mudança em seu papel que é essencial na sociedade.

## **VI. Considerações finais.**

James Joyce torna a experiência da leitura mais próxima da realidade humana através de sua sensibilidade ao criar ficção. Essa leitura próxima da realidade era um dos grandes objetivos de Joyce, de realizar uma literatura capaz de dizer a verdade, de buscar autenticidade nas situações apresentadas. Como foi demonstrado em nosso texto aqui, ele fez isso também no que toca a existência feminina com a personagem Eveline Hill que, no conto homônimo, enfrentou dificuldades sociais, familiares, financeiros, psicológicos, sentimentais para buscar concretizar seu desejo de emancipação, como outras mulheres do início do século XX que Joyce, certamente, observava ou conhecia.

A personagem feminina que analisamos passa por dificuldades no mundo fictício, assim como pode acontecer à mulher na vida real. Assim sendo, considerar as dificuldades pelas quais a personagem passa é, de certa forma, considerar as dificuldades da mulher fora do mundo literário.

Em síntese, acreditamos que um dos objetivos alcançados neste trabalho foi perceber a ligação entre o mundo fictício criado pelo escritor James Joyce,

mais especificamente as representações de personagem, especialmente a feminina, e o mundo exterior à obra; ou seja, como a criação artística dialoga com momentos de realidade de forma a proporcionar a reflexão sobre os desafios com os quais as mulheres se depararam e os embates em busca de seu protagonismo.

## Referências.

- BACCOLINI, Raffaella. She had become a memory: Women as Memory in James Joyce's Dubliners. Revista Mediazone, Universidade de Bolonha, n. 6, 2009. Disponível em: <[http://mediazioni.sitlec.unibo.it/images/stories/PDF\\_folder/documentpdf/dossierBollettieriTorresi/baccolini\\_dossierbosinellitorresi2009.pdf](http://mediazioni.sitlec.unibo.it/images/stories/PDF_folder/documentpdf/dossierBollettieriTorresi/baccolini_dossierbosinellitorresi2009.pdf)>. Acesso em: 25-04-2017
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 4. ed. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BONNICI, Thomas. **Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências**. Maringá: Eduem, 2007.
- BRAIT, Elisabeth. A personagem. 3. ed. São Paulo: Ática, 1985.
- BROW, Terrence. Introduction. In: JOYCE, James. "Eveline". In: \_\_\_\_\_. Dubliners. Penguin Books, 1992. pp. vii-xlix.
- COSTA, Maria Edileusa da et al. "Duas mulheres, dois mundos diferentes, um mesmo destino: análise dos contos *A fuga*, de Clarice Lispector, e *Eveline*, de James Joyce. Rev. de Letras - N0. 29 - Vol. 1/2 - 2007/2008. pp. 103 – 107.
- CULLER, J. **Teoria Literária: uma introdução**. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 1999.
- FORSTER, Edward Morgan. Aspects of the Novel. London: Penguin Books, 1976.
- GIDDENS, Anthony. Modernidade e identidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- JOYCE, James. "Eveline". In: **Dubliners**. London: Penguin Books, 1992. pp. 29-32.
- JOYCE, James. **Dublinenses**. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2012. pp. 33 – 35.
- KARAWEJCZYK, Mônica. Mulheres, modernidade e sufrágio: uma aproximação possível. Revista de História e Estudos Sociais Fênix, [PU- CRS] Rio Grande do Sul, vol. 4, ano IV, n. 4, 2007. Disponível em: <[http://www.revistafenix.pro.br/pdf13/secao\\_livre\\_artigo\\_8monica\\_karawejczyk.pdf](http://www.revistafenix.pro.br/pdf13/secao_livre_artigo_8monica_karawejczyk.pdf)>. Acesso em: 28-02-2017.
- ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **História da literatura: questões contemporâneas**. Caxias do Sul: Educus,